

URANIO BONOLDI

UM THRILLER SOBRE
O PODER DE UMA DECISÃO.
QUAL SERIA A SUA?

A
CONTRA-
PARTIDA



UM THRILLER SOBRE
O PODER DE UMA DECISÃO.
QUAL SERIA A SUA?

URANIO BONOLDI

A
CONTRA-
PARTIDA


valentina

Rio de Janeiro, 2019

1ª Edição

Copyright © 2018 by Uranio Bonoldi

CAPA
Raul Fernandes

FOTO DA CINTA (AMYR KLINK)
Marina Klink

DIAGRAMAÇÃO
Kátia Regina Silva

Impresso no Brasil
Printed in Brazil
2019

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ
MERI GLEICE RODRIGUES DE SOUZA – BIBLIOTECÁRIA CRB-7/6439

B685c

Bonoldi, Uranio

A contrapartida / Uranio Bonoldi. – 1. ed. – Rio de Janeiro: Valentina, 2019.

336p. ; 23 cm.

ISBN 978-85-5889-082-3

1. Ficção brasileira. I. Título.

19-54706

CDD: 869.3

CDU: 82-3(81)

Todos os livros da Editora Valentina estão em conformidade com
o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA VALENTINA
Rua Santa Clara 50/1107 – Copacabana
Rio de Janeiro – 22041-012
Tel/Fax: (21) 3208-8777
www.editoravalentina.com.br

PARTE UM

Como Tudo Começou

Efeito



“Meu Deus, sou um monstro?!”

Ano de 2016, início do outono, cidade de São Paulo, terreno urbano, fim de madrugada com chuva torrencial, o que torna ainda mais escuro o nascer do dia. Ao final de uma trilha, sob árvores altas e em meio a uma vegetação com raízes aéreas que cobrem o terreno lamacento, um homem está de costas. Ajoelhado, de punhos cerrados na lama, tenta se sustentar – treme. Ofegante, emite sons horríveis, como se quisesse expulsar sua mágoa, livrar-se de algo que dilacera seu peito.

“Preciso acabar com isso. Depois, sumo com essa merda desse canivete cego e vou embora daqui...”

Observando melhor, é possível ver que vomita um líquido esverdeado. Parece querer expulsar algo muito amargo ou podre – o cheiro horrível lhe provoca mais náusea. Tosse, engasga, faz uma pausa que mais parece falta de ar e solta outra golfada daquela gosma que não expele nada sólido, apenas uma combinação de humores internos em verdadeira ebulição.

O homem também fala sozinho:

– Está acabando, só mais este. Pronto. O último de dezenove... Chega, não aguento mais! – Trêmulo, guarda um tubo plástico no bolso. O conteúdo ele iria triturar para não deixar vestígio.

Dando um giro de 180 graus, vendo aquele homem sob outro ângulo, ele está encharcado de suor. Os cabelos, ainda que protegidos da chuva por um capuz, estão molhados. Tenta se recompor, inspirando fundo. Olha para cima, exausto. Não suporta mais os espasmos e as ânsias, e começa a lentamente se levantar, apoiando-se num tronco à sua esquerda.

– Acho que vou melhorar. *Preciso* melhorar.

Ele aparenta estar entrando na casa dos 40 anos, a silhueta é magra porém forte. A sombra, revelada pela iluminação fraca da rua nos fundos do terreno, projeta uns 6 metros, mas sua altura real é 1,80m. Veste uma capa de chuva, usa luvas cirúrgicas e calça sapatos envoltos em plástico resistente. O semblante está tenso e denota desespero. Ao se levantar, sente uma tontura violenta e procura se agarrar onde pode. Contudo, sem perceber onde pisa, ele tropeça.

“Meu Deus! Pisei nos corpos. Que inferno!”

Estendidos no chão, com características de lesões fatais, dois cadáveres jazem com dilacerações no tórax e na cabeça. Estão estranhamente limpos, apesar dos ferimentos, e não há sinais de outro tipo de violência e nem de terem sofrido demais traumas antes da morte. Entretanto, os semblantes denunciam um fim sinistro. Os olhos estão arregalados, demonstrando pavor e agonia.

“Só mais uma última ida ao carro, e depois tiro as proteções dos pés.”

Há marcas no chão comprovando que aqueles seres humanos foram arrastados por uns 30 metros, distância que separa uma picape azul-marinho, cabine dupla, filmada e blindada, estacionada às margens da trilha, e o homem que agora os observa. Está ali parado, fitando-os. Seu olhar parece não enxergar nada, perdido, pensativo, e então se questiona:

“A que ponto cheguei, meu Deus? Quem sou eu? O que eu fiz e ainda precisarei fazer para acabar com tudo isso? Meus pais aprovariam tais atos? Eles me entenderiam? Conseguiriam acreditar na verdade que só eu conheço?”

Com o pensamento fixo na mãe, escorrem-lhe lágrimas que alcançam sua boca. O salgado confunde-se com o suor frio. Fica ali por uns 30 segundos, encarando as carcaças, até que as abandona a céu aberto. Passos largos e firmes marcam sua volta ao veículo, e mais uma vez ele vomita.

– Merda, eu ainda tenho o que botar pra fora! Estou fraco. Preciso me alimentar... Porra! – grita entre os dentes.

Recompõe-se novamente e, com destreza, tira as luvas, deixando-as do avesso e enfiando-as nos grandes bolsos da capa de chuva.

Ao chegar à picape que o aguarda com o motor ligado, ele vai direto ao banco de trás, cuja porta direita não teve como fechar. Ajoelha-se outra vez

na lama e começa a retirar e dobrar enormes plásticos escuros – com vestígios de sangue e líquidos nada estranhos para ele – que ficaram jogados no assoalho.

“Rápido. Falta pouco! Estou quase terminando.”

Ao levantar o corpo para fechar a porta traseira do utilitário, seus olhos passam de relance pelos bancos da frente, e, do ângulo desfavorável em que se encontra, algo o deixa petrificado, quase em estado de choque. O banco do passageiro está vazio.

“A caixa!!! Cadê a caixa?!”

Ele não reparou, mas a porta do passageiro também não estava fechada. Bate a porta traseira com violência e olha para a estrada à frente. “Será que alguém se aproximou e roubou a caixa ao ver meu carro aqui, abandonado?”, indaga-se. Busca alguma pista... e nada, ninguém à vista. Olha para o outro lado... e nada também. “Quem tirou a caixa dali? Será que esqueci de trazer? Mas onde? Como posso ter cometido um erro estúpido desses?”

Desesperado, puxa a porta do motorista, e lá está a caixa vermelha no banco do passageiro. Tem uma alça branca no centro e não é muito grande. Tentará, antes do amanhecer, entregá-la no local previamente combinado.

“Meu Deus. A caixa está aqui. Não estou entendendo. O que aconteceu? Havia sumido, mas agora está aqui!”

De repente, vê um vulto passar, sorrateiro, entre as árvores, como se estivesse tentando se esconder. Um arrepio gelado de terror percorre-lhe a espinha.

– Quem é?! Quem está aí? – grita, em meio ao temporal ensurdecido.

Nada. Nenhuma resposta. Confuso e apavorado, volta-se imediatamente para a caixa. Abre-a com pressa e confere o conteúdo em seus quatro compartimentos.

“Tudo certo! Ainda bem! Está tudo aqui. Será que foi a minha imaginação? Deve ter sido, estou exausto... Mas a tampa... está molhada! Como assim? Que porra é essa?! Preciso sumir daqui!”

Fecha a porta, contorna a picape, checa porta por porta, e se prepara para sair daquele local que lhe provoca calafrios.

“Está acabando... Só mais um pouco!”

Engata a marcha, por sorte é um 4x4 integral, e segue cuidadosamente, em baixa velocidade, para não chamar atenção ou cometer qualquer erro.

O trajeto ainda compreende aproximadamente 35 quilômetros entre a região do Parque do Carmo e o bairro Santa Cecília, depois de vencer aquela estrada lamacenta. Dirige de forma automática para seu destino, sem saber por que freia nos sinais vermelhos, por que arranca nos verdes e em qual parte do trajeto se encontra. Sente uma forte dor no plexo e, ao passar por um cruzamento, ouve uma buzina infernal.

“Putá merda!”

Freia em cima da hora. Que perigo! Aéreo, quase provoca um acidente. Arranca novamente. Não para de pensar no que está fazendo com a sua ainda jovem vida e se haverá volta.

Ao longo do caminho, não se esquece de deixar as luvas cirúrgicas numa lixeira presa em um poste, e mais adiante, já em outro bairro sem qualquer ligação com o local do abandono dos corpos, deposita a proteção dos sapatos numa caçamba de entulho posicionada no meio-fio. Para num posto sem bandeira, onde completa o tanque e pede que retirem o barro grosso, oferecendo uma boa gorjeta. É atendido prontamente pelo frentista, que se candidata a dar uma “ducha” caprichada no veículo, mesmo com a forte chuva que ainda cai. Ao sair do posto, continua seu caminho rumo ao bairro Santa Cecília, aonde chegará em poucos minutos.

“Cheguei! Graças a Deus... cheguei!”

Uma casa antiga, com janelas venezianas em madeira, muito bem-cuidada, de gente supercaprichosa e provavelmente de posses. Tem um jardim na frente, com plantas e árvores nativas de florestas tropicais, além de canteiros com inúmeras ervas medicinais.

Com a caixa vermelha na mão, ele ajeita a capa de chuva. Ninguém atende à campainha. Então, sem dificuldade, abre o portão que dá acesso ao jardim, uma vez que tem as chaves, sobe a escada que vai dar na varanda, onde fica a porta principal, e começa a olhar pelas vidraças das janelas das salas de estar e jantar, tentando identificar algum movimento.

Nada, somente muito barulho da chuva que não dá trégua. Segue para a lateral, onde fica a garagem com pequenos basculantes, e olha para o interior.

Nenhuma luz acesa. Volta, então, à porta da frente, deposita a caixa no chão e dá um telefonema. Do outro lado da linha, uma mulher atende.

– Alô?

Ele reconhece a voz sonolenta e vai direto à pergunta, disfarçando a forte tensão que o acomete naquele amanhecer.

– A senhora está em casa? Acabei de chegar.

– Não, meu querido, estou na casa da sua mãe, Tavinho. Posso continuar te chamando assim, né?

– Claro! Aliás, acabo de perceber que te chamei de senhora, sem querer. Então... você está na casa da minha mãe.

– Acabei ficando aqui por conta do temporal, e só mais tarde irei para aí. Choveu o dia inteiro ontem, tudo alagado, e sua mãe pediu para eu não sair.

– Ah, entendi.

– Mas, Tavinho, está precisando que eu vá agora? Aconteceu alguma coisa? Você acabou chegando bem mais cedo e parece nervoso, ofegante.

– Não... está tudo bem! Eu terminei o que precisava terminar. Aquele assunto que contei sobre o hospital da universidade.

– Sim, eu me lembro, Tavinho. Mas não sei dos detalhes. Depois você precisa me contar.

– Conto, sim. Mas posso deixar a caixa aqui? Fica em perfeitas condições por mais umas quatro, cinco horas. Tenho a chave da sua casa. Pode me dizer o código do alarme?

– Você tem o *seu* código, Tavinho.

– Não, não tenho.

– Tavinho... Você tem certeza de que está bem? Você tem o seu código. Lembra?

Silêncio. O barulho dos trovões e da chuva sumiu e deu lugar a um silêncio abissal.

– Qual é?

– Tavinho, nós escolhemos juntos, lembra? O seu código é a data do meu aniversário.

– Nossa, é verdade, me desculpe.

– Tudo bem, Tavinho. Não foi nada.

– Mas... qual é o número mesmo?

A mulher do outro lado da linha fica assustada. Ele nunca esqueceria a data do aniversário dela. “Como não se lembra? Por mais cansado que esteja, inteligente do jeito que é? Como?”

– Dezoito zero oito, Tavinho.

– Ah, obrigado, Iaúna.

– Você tem certeza de que não deseja que eu vá logo para aí?

– Absoluta, fique tranquila. Estou bem.

– Mas, por conta dessa súbita perda de memória, você terá que voltar o quanto antes para fazer uma sessão. Está mais do que na hora, querido. Você terá que fazer.

– Ok, virei, sim. Combinaremos ainda esta semana. Posso, então, deixar a caixa com os ingredientes aqui, correto?

A água ainda escorre pelo capuz da capa daquele homem que transpira muito e, para completar, começa a tremer de frio. Ou talvez trema por estar com hipoglicemia, por ter comido pouco e vomitado até a alma. A fome e a confusão mental geradas pela tensão, e o foco no que estava fazendo, não lhe permitem concluir que basta colocar algum alimento na boca para que seu metabolismo volte ao normal. Não para de suar, apresenta desorientação, está quase em estado de fadiga total. Precisa acabar logo com aquilo. Sair dali, ir para casa e descansar. Está exausto, destruído.

– Claro! Sem problema algum, Tavinho. Pode deixar que eu cuido de tudo assim que chegar. Devo estar aí por volta das nove. Acho melhor você guardar a caixa na geladeira da cozinha. Tire umas prateleiras e coloque lá.

– Combinado, Iaúna! Vou fazer isso, e depois acertamos o dia para eu tomar o elixir. Bom descanso, e me desculpe por te acordar tão cedo e por todo esse incômodo.

– Não foi nada, querido! Pode deixar que eu cuido de tudo. A gente se vê na quinta?

– Fechado. Tchau.

– Beijo.

Tavinho, como combinado, abre a casa com todo cuidado, e agora com atenção redobrada, pois sabe que não está nada bem. Desliga rapidamente o

alarme e deposita a caixa num aparador no saguão de entrada. Dá uma checada no sistema de vigilância recentemente instalado. Examina a casa com olhar contemplativo, pesaroso, como se fosse a última vez, e, de repente, como que voltando de uma incursão ao passado, *acorda* e faz um giro rápido, levando a caixa até a cozinha e acondicionando-a na geladeira, como orientou Iaúna. Apaga a luz e segue em direção à porta que o levará à saída.

“Droga! Tenho que voltar. Caramba, já ia me esquecendo!”

Retira do bolso esquerdo do casaco um frasco cilíndrico de plástico e despeja o conteúdo – algo estranho que parece estar mergulhado em sangue – no triturador da pia da cozinha. Em seguida, joga o frasco no lixo.

“Preciso ir embora. Já!”

Retorna à sala, digita o código do sistema de segurança, sai e tranca a porta com todo o cuidado. Certifica-se de que ficou bem fechada e deixa o belo sobrado, batendo o portão do jardim às suas costas.

Uma vez de volta ao veículo, tira a capa encharcada, joga-a no assoalho do passageiro, digita alguns comandos no celular e parte para o seu apartamento – uma cobertura nas imediações do espigão da avenida Paulista, mais precisamente na alameda Santos.

Quase que por instinto, abre a geladeira da sua picape, retira duas barras de cereais e as devora como um animal – o organismo pede alimento. Não está muito longe de casa quando dá a partida. O aplicativo marca 14 minutos para ele chegar à sua vista cinematográfica, um apartamento de mais de 500 metros quadrados, mas com apenas duas vagas de garagem. Sim, apenas duas vagas por ser um dos edifícios mais antigos da região.

Tavinho estaciona ao lado do seu BMW Série 6 Gran Coupé, blindado, o qual usa para trabalhar. Não muito longe dessas vagas, as outras duas, alugadas, ostentam veículos para pura diversão: uma Mercedes SLS-AMG Asa de Gaiivota e um Porsche 911 Turbo Cabriolet.

Sem olhar para os lados, ruma para o elevador e sobe ao 18º andar. Está moído da viagem de aproximadamente 1.700km num intervalo de 27 horas, das quais dormiu apenas uma, além de ter se submetido a um estresse sem precedentes. Mas chegou em casa, sua maravilhosa cobertura linear.

“Graças a Deus! Cheguei são e salvo...”

Deixa para arrumar tudo mais tarde, pois precisa descansar. Dirige-se diretamente à suíte e vai para a banheira, quase cheia graças ao comando pelo celular disparado ao entrar no carro, que acionou também o som – música clássica – e uma iluminação suave. O fluxo de água para massagem já se encontra ligado, de forma que basta lançar a espuma de banho e os sais relaxantes, e mergulhar o corpo. Tira a roupa, jogando-a no cesto de roupas sujas, quando, de repente, nota que há sangue nas mangas da camisa.

“Vou ter que me livrar dessa camisa. Amanhã cuido disso.”

Deita-se na banheira para um bom relaxamento, e daí a alguns minutos pega no sono. Foi um dia extenso demais. Em particular, uma noite e uma madrugada muito longas. Dormirá sem café da manhã e, provavelmente, muito mal naquele começo de manhã de domingo, em função dos acontecimentos da véspera, que o deixaram em estado de profunda decepção e tristeza. E tomado pelo ódio, claro.

Terá ele mudado o passado? Terá com isso alterado para melhor o presente e o futuro? Ainda não. Os recentes desvendamentos levaram-no para mais ações do que acreditava serem necessárias. Será a correção do seu passado em definitivo? Como fará? Sabe que tem que agir, e rápido. Como será? Perguntas difíceis de serem respondidas *neste* momento.

A Causa



Doze anos antes, primavera de 2004, cidade de São Paulo, em uma sala de aula de um colégio particular, o garoto Octávio, que muitos chamam de Tavinho, está de pé atrás de sua carteira, sendo arguido pelo professor de História e Geografia sobre temas com os quais não tem a menor familiaridade.

Ele estudou muito, muito mesmo. Decorou o que pôde, mas o nervosismo, a insegurança e a dificuldade que o menino de 13 anos tem de reter, compreender e construir correlações entre informações, tudo isso aliado a uma certa lentidão de raciocínio e tendência à dispersão, levam-no ao insucesso nos estudos – mais exatamente, em quase todas as matérias.

Tavinho é um garoto responsável, que dedica mais horas aos estudos do que seus colegas, embora sem resultados práticos.

Após algumas perguntas, o professor Firmino – homem insensível, que em vez de enxergar o temor que o garoto sente e tentar confortá-lo, deixa-o ainda mais inseguro para dar as respostas – despeja-lhe uma dura responsabilidade sobre os ombros com um sonoro:

– Minha Nossa Senhora! Seu pai, o saudoso professor Albuquerque, ficaria decepcionado ao ver que o filho não domina um assunto tão fácil e básico, como os movimentos demográficos migratórios. Vamos lá... sr. Octávio!

O professor chama todos os alunos de senhor e senhorita. É um excelente gestor – acumula o cargo de diretor da escola –, muito respeitado pelos pais, professores e alunos por sua reputação de grande estudioso e profundo conhecedor das matérias que leciona.

– Qual foi o principal motivo que gerou o movimento migratório da Itália?

Tavinho simplesmente não consegue lembrar e confunde o uso correto das palavras migração, emigração e imigração. Faz uma confusão daquelas e tenta encontrar o caminho da resposta, de forma quase que malandra.

– Ah, professor, o senhor quer dizer, por que os italianos saíram da Itália, né?

– Sim, sr. Octávio, e se estou perguntando da Itália e o senhor está dizendo que eles saíram de lá, o movimento foi emigratório ou imigratório?

– Ah, imigratório da Itália.

– Não, sr. Octávio! Não! É movimento *emigratório* da Itália! Os italianos saíram da Itália para outros países. Preste atenção! De novo, pergunto: o que os motivou a deixar a Itália?

Começam as risadas da turma, e Tavinho fica nervoso e corado, tamanha a vergonha que sente.

– Me desculpe, professor. Bem, então eles saíram por conta do desemprego e da miséria?

– Sr. Octávio, eu estou perguntando. Sou *eu* quem pergunta. O senhor deve apenas responder.

Tavinho olha ao redor, tentando encontrar alguém que o ajude, mas nada. Quase todos riem dele e querem mais diversão às custas das suas dificuldades.

– Vamos lá, sr. Octávio, foi uma resposta parcial com altas doses de insegurança. Vou lhe ajudar: em razão de uma enorme crise econômica e social na *bota*, no fim do século XIX e início do século XX, como o senhor bem disse, o povo italiano começou a passar fome e a viver na miséria. Portanto, houve um forte movimento de emigração para os Estados Unidos, Argentina e, particularmente, Brasil, em busca de melhores condições de vida, melhores oportunidades de trabalho. Certo, sr. Octávio? Entendeu o motivo?

– Certo, professor Firmino. Entendi. Obrigado.

– Ainda no mesmo assunto, sr. Octávio, quero que me diga quais as contribuições da imigração dos italianos, no caso particular do Brasil. O que eles nos trouxeram de benefícios?

– Mas, professor Firmino, o tema não era *emigração*? Por que o senhor mudou para *imigração*?

A turma não aguenta, cai de novo na gargalhada. Tavinho olha para os lados sem entender o que pode ter dito para causar tanto alvoroço.

– Sr. Octávio, o que mudou aqui foi a referência! É *emigração* do povo italiano, a partir da Itália, e *imigração*, do ponto de vista do Brasil. Já ensinamos isso no ano passado. Foi matéria do ano passado!

Tavinho está arrasado, e seu bloqueio é quase absoluto.

– Bem, sr. Octávio, diga-me quais as contribuições que o povo italiano nos proporcionou? Elenque algumas delas. Eu ajudo.

Seus colegas de turma não dão tréguas. Ficam cochichando e rindo baixo. O professor não ouve, mas Tavinho, que está ao lado deles, escuta tudo. Fica ressentido, além de sem graça e nervoso, o que só piora a situação em relação a se lembrar da matéria. Muito envergonhado, sente as orelhas e as bochechas queimarem, sabe que estão vermelhas e lamenta não conseguir escondê-las. E ouve mais cochichos maldosos:

“Olha a orelha dele!”; “Traz água! Vai pegar fogo!”; “Aí, cuzão! Tá só se ferrando.”

– Professor Firmino, me desculpe, mas essa eu não sei mesmo. Me desculpe – responde Tavinho, tenso e já entrando em pânico.

– Alguém deseja responder no lugar do sr. Octávio? – indaga o professor Firmino, ignorando Tavinho.

Nesse momento, o inteligente e esperto Renato Stein levanta a mão e se prontifica a dar alguns elementos para ajudar o colega em apuros.

– Diga, sr. Stein. Sr. Octávio, pode se sentar.

– Professor Firmino, li que a colônia italiana contribuiu demais para a modificação dos nossos costumes. Os italianos nos trouxeram novas opções de comida, como a pizza, o panetone de Natal, a polenta, o espaguete à bolonhesa, e também temperos. Trouxeram novas danças e músicas, e, nos negócios, novas técnicas de produção, contribuindo assim para a industrialização do país. Mais ou menos isso.

– Muito bem, sr. Stein. Perfeito! – exclama. O professor Firmino se dirige a todos os alunos pelo sobrenome, menos a Tavinho.

A vontade de Tavinho é de sumir dali. O insensível professor dá por encerrada a aula e permite que os alunos saiam logo que toca o sinal das 12:15. Entretanto, precisa falar com Tavinho.

– Sr. Octávio, quando tocar o sinal, quero conversar com o senhor. Pode ficar na sala comigo um minuto?

– Claro, professor Firmino. Claro que posso.

– Obrigado, sr. Octávio.

Aqueles minutos que se seguem são um terror para Tavinho, vítima de todo tipo de chacota dos demais colegas, que riem e debocham da saia justa em que se meteu ao não saber a matéria.

Toca o sinal, e Tavinho se aproxima do professor Firmino.

– Sr. Octávio, o senhor bem sabe o apreço que tenho pela sua mãe e o quanto eu admirava seu pai. Daí eu ter tanto carinho pelo senhor e desejar vê-lo um vencedor na vida. Quero lhe pedir que fale com ela para que o ajude a buscar um reforço urgente. Por favor, busque reforço; do contrário, não conseguirá ter sucesso este ano. Já passou raspando no ano passado, graças à boa vontade do Conselho Docente, à minha interferência e também à de sua mãe junto a toda a diretoria. Por favor, busque um professor particular e se esforce, entendido?

– Sim, professor Firmino. Farei isso.

Tavinho não sabe como sair dessa. O professor Firmino nem imagina que ele já vem tendo aulas particulares, e que a mãe está fazendo de tudo e mais um pouco para recuperar o filho, tamanha a sua dificuldade. Ele está realmente em apuros com as notas, pois tem vermelhas nos dois primeiros trimestres, exceto nas disciplinas de Educação Física e Artes. Precisa de notas excelentes para passar, mas ainda assim tem chance, pois os pesos mudam a cada trimestre, e é peso quatro no terceiro e último.

Entretanto, se Tavinho não virar esse jogo, e bem rápido, metendo as caras, como diz o professor Firmino, tendo ainda mais reforço com aulas particulares e alcançando ótimas notas nas últimas provas do ano, ele não conseguirá passar.

Seus melhores amigos são excelentes alunos, e Tavinho não quer perder suas amizades, deseja ficar perto deles, estudar com eles e tê-los como referência. Mas está difícil, ou quase impossível. Inclusive, ele próprio se acha limitado e pouco inteligente. Não será fácil virar esse jogo.

Um Pouco Mais do Tavinho



Octávio Albuquerque Júnior – o Tavinho – é um garoto que provavelmente será alto quando adulto, pois é magro e longilíneo. Tem uma beleza diferente, de traços delicados, cabelos bem lisos e sorriso contagiante. Difícil descrevê-lo por estar em franca transformação, mas pode-se dizer que se tornará um homem atraente.

Adora andar de bicicleta, jogar futebol e videogame. Apaixonado por música, tem aulas de piano e bateria, e até arranha uns solos de guitarra. Seu sonho é ter uma banda, mas, como diz a mãe, vida de músico é uma dureza. No geral, adora artes e cinema. É um bom garoto, introspectivo e carinhoso. O problema está mesmo nos estudos.

“Vou ser médico. Salvar pessoas, curá-las. Meu pai aprovaria, e minha mãe, com certeza, vai adorar que eu me torne uma pessoa realizada e reconhecida na profissão. Mas como, se estou quase sendo reprovado na 8ª série?!”

Tavinho não consegue se concentrar nas aulas nem estudar com método, e por isso as notas nunca vêm boas. A mãe já tentou de tudo. Aulas particulares, psicólogos, pedagogos, acompanhamento especial na escola e mais um sem número de alternativas frustradas.

“Que desespero”, pensa Tavinho. “Vejo minha mãe tentando de tudo, e eu não conseguindo corresponder.”

Sente muito por ela. O perigo da repetência é claro e iminente. Se a recuperação não for imediata, talvez ele tenha de mudar de escola e ir para alguma mais fraca, pois a dele não tolera repetentes. Cristina fica desesperada, tentando não demonstrar que está vendo a vida de Tavinho andar para trás.

Ele percebe toda essa angústia, que também é dele. Filho único, vive com a mãe e uma senhora de 56 anos, a índia Iaúna, governanta da casa, que ajuda a viúva nas tarefas domésticas e a ele, na organização do dia a dia. Tem verdadeira adoração por Iaúna, cuja aparência é bem mais jovem do que registra sua idade cronológica, e só não a considera uma irmã mais velha por ela ter mais de 50 – mas divertem-se juntos e se respeitam.

A mãe perdeu o marido de forma trágica em um assalto, vítima de latrocínio, quando Tavinho tinha apenas quatro anos. Na época, o menino não entendeu bem o que havia acontecido, mas sentiu demais a perda do pai.

Feliz e orgulhoso por carregar o nome paterno, Tavinho sempre desejou honrá-lo. Daí sentir-se tão mal quando ouve de alguns professores que deve estudar mais para ser tão competente quanto o pai. Ele não quer fracassar, não quer decepcionar a memória do grande professor Albuquerque. Muita carga emocional para um garoto de apenas 13 anos.

Por outro lado, Tavinho é apaixonado pela mãe, Cristina Albuquerque. Administradora de empresas, ela trabalha no mercado financeiro, mais precisamente em um banco multinacional europeu, ao qual se dedica com afinco para que nunca falte nada ao filho. Ele percebe isso e nutre enorme admiração por ela.

Tavinho gosta especialmente dos finais de semana. Como sua mãe consegue ter um bom padrão de vida, ela lhe proporciona o que há de melhor no quesito lazer. Sempre vão a cinemas, teatros, exposições, shows, parques, restaurantes, viajam para locais próximos a São Paulo e, nas férias, fazem turismo pelo Brasil e pelo exterior – nesse ponto, Tavinho sempre foi um privilegiado.

Em relação a amizades, tem poucas, mas de excelente qualidade, como a dos amigos Oswaldo e Renato, e das amigas Silvia e Fernanda. Há também Martha, que, além de amiga, é um tanto especial, pois Tavinho a considera a maior gata. Morena, pele bem clara, olhos pretos de jabuticaba e magra, exatamente como ele gosta. Inteligente, estudiosa e muito meiga – um doce de garota.

Tavinho, enfim, é um menino que se considera feliz, um menino alegre e sorridente, que não deseja mal a ninguém. Porém, não consegue se sentir

pleno pela grande dificuldade que tem nos estudos e por não vislumbrar a menor possibilidade de reverter a situação. Isso o está deixando aflito, pois enxerga o grande abismo que existe entre o anseio da mãe em vê-lo se tornar um grande profissional, quem sabe até um brilhante cirurgião, e essa situação que se mostra irreversível.

“Que desespero, meu Deus, estou ferrado! Estou fodido!!!”